

Discurso de Myriam Fraga
Academia de Letras da Bahia - 30.07.1985

Senhores Acadêmicos,

Ao Poeta Manuel Bandeira tomo de empréstimo, como epígrafe, a "*Balada de Santa Maria Egípcíaca*", marco inicial de minha fala, roteiro com que pretendo inaugurar a travessia no exercício de vossa paciência.

"Santa Maria Egípcíaca seguia
Em peregrinação à terra do Senhor.
Caía o crepúsculo e era como um triste sorriso de mártir ... Santa
Maria Egípcíaca chegou
A beira de um grande rio.
Era tão longe a outra margem!
E estava junto à ribanceira,
Num barco,
Um homem de olhar duro.

Santa Maria Egípcíaca rogou:
—Leva-me à outra parte do rio.
Não tenho dinheiro. O Senhor te abençoe.

O homem duro fitou-a sem dó.


Caía o crepúsculo e era como um triste sorriso de mártir ...

— Não tenho dinheiro. O Senhor te abençoe.
Leva-me à outra parte.

O homem duro escarneceu: — Não tens dinheiro,
Mulher, mas tens teu corpo. Dá-me o teu corpo, e vou levar-te.

E fez um gesto. E a Santa sorriu,
Na graça divina ao gesto que ele fez.

Santa Maria Egípcíaca despiu
O manto, e entregou ao barqueiro
A santidade de sua nudez."




Eis que aqui me encontro, diante de vós, como às margens de um rio. Um rio que me cumpre atravessar para que a caminhada prossiga. Porém como a Santa, de que nos fala o poeta, eu também nada tenho para pagar a passagem. Venho de mãos limpas. Veste-me apenas a túnica inconsútil da Poesia, guardando a santidade dos que nada possuem além do gosto indizível da palavra, a predestinação de cantar, como as cigarras.

Assim, no limiar desta Casa de tão opulentas vocações, de tantas glórias, presentes ou distantes, se me perguntarem o que trago para merecer este acesso eu responderei com a verdade que preside os momentos mais graves — *"Trago apenas o cansaço de uma longa jornada e um punhado de versos"*.

Não tenho pois, rigorosamente, coisa alguma a oferecer-vos além desta humilde nudez que não me aflige porque intocada, desta vontade que caminha em direção à terra do Senhor, ao território sagrado da Poesia, à Terra Prometida, onde talvez um dia eu encontre a Resposta e possa consumir-me, como sarça, tocada pela graça dos que sonham abrasar-se.

Na solene simplicidade desta hora em que me franqueais vossa porta cujos umbrais eu atravesso como quem passa um rio, como quem cumpre um rito, vejo erguerem-se sombras, espectros luminosos a acenarem-me com a cordialidade de irmãos, com a solidariedade de amigos. São anjos tutelares, são meus antecessores, que buscam afastar do meu destino o peso da responsabilidade, os tumultos de um coração no limiar da passagem. Assim é que reconheço Francisco Moniz Barreto; varão ilustre, de ilibada origem, fina ironia, pronta língua maliciosa. Sob sua égide magnífica aqui nos reunimos. Humildemente peço ao poeta sua verve, sua eloquência consagrada, a rápida e ferina claridade de sua poesia: para louvar e para ferir, que o nosso ofício há de ser este: louvar o que deva ser louvado e lancetar, com o aço flexível das palavras, o que se faz abscesso e é preciso extirpar. Que nos sirva de exemplo este poeta insigne, de personalidade temperada na dura realidade das batalhas, que não hesitou em abandonar o confortável espaço limitado de um gabinete, a consecução de uma carreira no caminho espiritual que lhe apontava Coimbra, então sede do pensamento, Meca intelectual dos estudantes da província, para jogar-se na aventura de uma luta no grandioso dever de uma pátria libertada. Quantas vezes a paixão irmana e identifica o que supúnhamos contrários! Pena e espada! A força da criação desdobrando-se além da força do braço.

Nesse momento de reverência e admiração, mas também de franqueza e de suma lealdade, devo dizer que admiro o Mestre, mas não o imito. Diante do repentista consagrado, do que fez da palavra um gatilho sempre pronto,




devo confessar que a mim nunca foi dócil a criação, nunca foi parto sem dores. A angústia da expressão nunca escudou-se na facilidade. Do equilíbrio de Apolo aos turbilhões de Dionisos, sempre um caminho tortuoso, sempre portas estreitas, sempre abismos na passagem. O exercício da escritura como um campo de provas, um doloroso descer aos meus próprios infernos.

Diante do bardo que exercia com gratuidade uma poesia descompromissada com os valores mais altos, que abastardava sua musa naslouvaminhas costumeiras aos poderosos da época, preciso confessar que o poder não me atrai. E nem me seduz o mando. Há em meu espírito qualquer coisa de anárquico que me faz detestar o jugo, que me faz desdenhar as benesses, talvez por intuir que um dia, mais cedo ou mais tarde, toda complacência me será cobrada. Abomino os áulicos, desconfio dos que aplaudem hoje o que vaiavam há instantes. Conheço apenas como meus superiores os que empregaram sua vida e seu talento num ofício honesto, desde os mais simples misteres ao mais sofisticado engenho. Estes são os melhores. Testemunham por eles os frutos do seu trabalho.

Elejo para meu patrono o lado mais viril da musa de Francisco Moniz Barreto. A poesia em que cantou a pátria com acentos condoreiros e as estrofes em que se espraia a sua veia satírica, irreverente e audaciosa. Aí, sim, reconheço o padroeiro.

A POESIA COMEÇA ONDE TERMINA A VIDA


Os poetas existem para que o impossível se cumpra. Não é gratuito no entanto o exercício do verso. A marca que assinala a frente dos eleitos é muitas vezes a marca de Caím, ferro em brasa assinalando a excomunhão, a desconfiança das platéias. A poesia como um enfeite? Uma prenda a ressaltar-se nos espíritos cultivados? Ou poesia como escolha? Como forma mais alta de conhecimento, como expressão mais eloquente da grandeza humana? Aos primeiros aponta a aprovação da sociedade: seus versos, notem bem, versos e não poesia, são inócuas panacéias que, encantando os ouvidos, jamais tocarão em pontos mais profundos. São os verzejadores de ocasião, os que empunham a caneta com punhos de renda. A criação poética é para eles um delicioso passatempo a enfeitar-lhes o curriculum como flores num jarro. Aos que fazem da criação, no entanto, seu mais secreto anseio, aos que apostam na linguagem, aos que buscam na poesia a fonte primeira da revelação e da sabedoria, aos que empenham sua vida na procura constante da expressão mais perfeita, a estes caberá, no máximo, uma aceitação complacente. Será possível respeitar alguém que seja só e unicamente



um poeta? Nem profissão, nem meio de vida, antes diríamos: condenação! Este dualismo, esta secreta dicotomia entre o comportado dever do cidadão, "*casado, fútil, cotidiano e tributável*", como diria Fernando Pessoa, e a saga libertária dos poetas foi sentida como poucos por Egas Moniz Barreto de Araújo no extremo antagonismo que, multiplicando-lhe o nome, dividiu-lhe a vida. A duplicidade repetida no projeto literário. Sociedade burguesa versus conceito romântico de poeta. A repressão e a transgressão. Dentro de uma estrutura familiar rígida, seguindo os modelos de época, numa sociedade profundamente estratificada só lhe restava dividir-se e tentar sobreviver com suas duas metades. Egas Moniz Barreto de Aragão, médico, professor, chefe de família exemplar, de ilustre genealogia e Pethion de Villar, mais que um pseudônimo quase um heterônimo, mascarando a inquietude cosmopolita do criador, sua ânsia inalcançável de liberdade, sua face noturna, o outro lado do espelho. Esta divisão se faz mais tangível observando-se a copiosa produção que legou a seus pósteros. Afrânio Peixoto e Cláudio Veiga assinalaram esta duplicidade que, curiosamente, reflete uma antítese então vigente entre França e Alemanha. O Dr. Egas Moniz era germanófilo enquanto o poeta Pethion de Villar, a começar pelo nome, assumia a França e, com ela, a latinidade ancestral. Mas se em vida o cientista, o estudioso, vencem o poeta este vinga-se renascendo como Fênix além da própria morte. Sua poesia, infinitamente superior aos seus trabalhos científicos, ficará para sempre inscrita no panteão de nossa história literária. O verbo se fez pedra e cal de um monumento indestrutível. Curioso exemplo de duplicidade onde a personalidade inventada acaba por suplantar a persona real. O Dr. Egas Moniz, por maior que tivessem sido seu talento e sua cultura, foi atropelado na corrida do tempo pelo poeta Pethion de Villar. Entre o mestre ilustre e o ardente girondino, sonhador insaciável atormentado viajante dos rios mais secretos, partejador de súcubos, que imensa distância se adivinha! a distância que medeia entre a estreiteza da província e o largo mar interior onde sem âncoras navegava.

A VOZ DO SILÊNCIO

Mas eis que outro poeta se aproxima. Não vem sozinho que cercá-lo todo um clã de poetas se adivinha. Figuras que carregam o nome ilustre dos Rebello, que se repetem em excelência, alta estirpe moral, dotes de




inteligência e de cultura. Difícil é distinguí-los. Como dizia o inesquecível Jayme Junqueira Ayres: *“Nada há mais parecido com um Castro Rebelo que outro Castro Rebelo”*. A igualá-los o talento e a cultura, como bens de família. Mas Afonso de Castro Rebelo Filho tem a destacá-lo a excelência da linguagem que se traduz em versos de fino e nostálgico lirismo, aureolados de uma melancolia que lhes amortece os contornos como uma bruma macia. O seu *“ferido coração enfermo”* não soube ouvir o clamor do mundo que se despedaçava mas sua musa, discreta e recatada, soube cantar como ninguém a natureza que se desdobrava antes seus olhos com um pipilar suave de pássaros dispersos *“pelos altos ramos”*, entre flores luminosas de acácias e mágoas sofridas com dignidade. E assim teceu o seu caminho este viajante carregado de ilusões e fantasia, *“desfolhando versos”* pela estrada. Uma poesia para ser vivida nos bastidores, voz de flauta no escuro, apenas um murulho de concha na praia, esta voz do silêncio.

O "DEMISSIONÁRIO DA POESIA"

E não será por acaso de Walter da Silveira aquele rastro luminoso? De Walter da Silveira, o que não se quis poeta, o que se confessava um *“demişsionário da poesia”*? Como se para vivê-la necessário fosse escrever versos! Como se uma Poética maior não nascesse dos atos e do coração de quem direcionou sua vida em busca da perfeição nos serviços das idéias, impregnando-a daquele odor de santidade que parece cercar sempre, como uma aura, os verdadeiros humanistas. Um espírito inquieto sempre em busca de uma razão, de um parâmetro, de uma resposta, que atendessem a seus anseios de igualdade e justiça social. Na inquietação dos confrontos não pôde ver que o poeta que sufocava, por não reconhecer-lhe consonância com as dores do mundo, não estava tão distante assim, nem era tão ausente. Se tempo houvesse tido, se o destino não o tivesse atraído em hora ainda tão fértil, talvez tivesse enfim compreendido que, muitas vezes, é na aparente alienação da miragem de Narciso que a face do mundo se revela mais completa.

A TRAMA DO DESTINO

Mas eis que na ciranda radiosa outra figura se aproxima. Como devo invocá-la? Como proclamar-lhe os méritos se tantos foram os caminhos em que se



dividiu a sua fértil existência? Jornalista? Escritor? Colecionador apaixonado de obras de arte? Crítico? Ou ainda incentivador das artes, animador de movimentos, revelador de artistas hoje consagrados? No resumo das excelências a biografia de Odorico Tavares permanece como um atestado de grandeza que aqui, por demais evidente, não nos cabe referir. Assinalaremos apenas dois acontecimentos gratos à nossa sensibilidade; coincidências da trama com que se tecem os destinos. Meu livro de estréia, *"MARINHAS"*, uma modesta *"plaquette"* vinda à luz mercê das graças e ofícios de meu muito querido amigo Calasans Neto, este livrinho que inaugurou o meu roteiro, foi saudado com entusiasmo na coluna *"Rosa dos Ventos"*, que Odorico Tavares mantinha no Diário de Notícias. Ainda recordo o momento, tantos anos passados. O assombro da neófito diante da inesperada aprovação do crítico — conhecido e consagrado — à sua humilde aparição, à sua quase esquiva chegada. Muitos anos depois tive o prazer de acompanhar a edição de seu *"Livro de Luciano"*, pelas Edições Macunaíma; seu último trabalho, singela criação de um poeta exercendo em plenitude o doce ofício de avô. Pouco depois a morte selaria seus lábios.


OS MORTOS PRECOCES

Odorico Tavares foi o 4º ocupante da cadeira de nº 13. Uma cátedra de poetas, sem dúvidas, pois até o que se afastou da poesia o fez como filho pródigo a quem faltou, no entanto, o tempo do regresso. Uma cadeira singular, marcada pelo carisma de um número cuja simbologia oscila entre o malefício e a sorte. Uma cadeira de talentos, a que não falta, no entanto, a melancolia das mortes precoces, das ausências sentidas em pleno desabrochar, da dolorosa privação de vidas ainda por viver. Ah! a poesia e a morte caminham muito próximas! Eis porque a morte, última harmonia, confunde-se tantas vezes com os destinos da Poesia. Foi Rilke, o poeta das Elegias, o cantor de Duíno, quem falou:

“Os mortos precoces não precisam de nós eles
que se desabituaam do terrestre, docemente
como de suave seio materno. Mas nós
ávidos de grandes mistérios, nós que tantas vezes
só através da dor atingimos a feliz transformação, sem eles
poderíamos ser?”

E assim me pergunto nesta hora tão bela. Poderíamos ser sem estes mortos que traçaram o caminho de nosso advento?

Ah! os mortos precoces! os tão cedo arrebatados ao convívio. Que deuses, que forças os levaram? que cegas potestades assim traçaram seu glorioso




sendeiro interrompido? Não é de um poeta, no entanto esta mão que me acena. Nem esta face calma, nem a voz, nem o lento movimento de seus gestos medidos. Mas a fala ... Quem senão um poeta mediria as palavras com tal rigor, com tão raro cuidado? Quem sentiria o peso e o brilho das vogais, á limpidez da frase aureolada de encanto? É que a Poesia, como a Graça, tem maneiras sutis de revelar-se. Ora um gesto harmonioso, ora a palavra clara, ora apenas o vento perpassando nas palmas. A Poesia, como Deus, está em toda a parte. Cumpre a nós revelá-la. E nem sempre esta epifania se traduz em poemas. A Poesia é um anjo de mil faces.

Este que aqui se encontra diante de nós, com sua matéria transubstanciada em alimento de nossa memória, em assunto de nossa veneração, não foi certamente um poeta, embora, no dealbar de sua juventude, tenha oficiado às musas com o entusiasmo juvenil de sua fala mais inocente. É assim que vejo neste espírito sereno que guia meus passos nesta hora solene, que inspira as palavras com que busco alcançar a plenitude da expressão - o dizer preciso com palavra clara — reconheço nesta "*sombra luminosa*" a marca que assinala os destinados a guiar, os pastores de alma, os que nasceram com a vocação para o mais soberbo destino. Como professor e como médico, a opção de lutar numa batalha sem fim pelo aperfeiçoamento do homem, pela sua realização plena enquanto criatura: corpo e alma, paixão e pensamento.

UM MÉDICO NA ACADEMIA

Seríamos nós, provavelmente, a pessoa menos abalizada no traço e fundamentos de sua biografia quando já outros, antes, o fizeram, com mais brilho talvez, certamente com mais autoridade. É claro que poderemos rastrear o percurso, o desenrolar do novelo, a trama, a peripécia. Uma jornada sem atalhos, a de Luís Fernando Seixas de Macedo Costa. Desde menino, em Sergipe, sua terra natal, quando sonhava provavelmente com um destino mais substantivo misturando a seus anelos infantis anseios de afirmação e de vitória. Um vencedor seria sempre. Desde a mais singela láurea, ainda frequentador dos bancos escolares, até as mais altas condecorações como a "*Ordem de Isabel, a Católica*", pelo governo da Espanha, a "*Ordem do Mérito da Bahia*", a "*Legion d'Honneur*", a "*Medalha do Rio Branco*", no GRAU DE GRANDE OFICIAL e outras titulações igualmente importantes mas que não caberia, neste curto espaço, relacionar ou apontar.

Um homem plenamente realizado em sua meteórica e fulgurante passagem. Um homem que, tendo se distinguido dos demais pelos dotes




do labor e do refinamento, soube cumprir o que a velha sabedoria chinesa acreditava constituir-se na permanência de um homem: escrever livros, ter filhos, plantar árvores. No trabalho, na família, na amizade, sempre a mão aberta para atirar o grão e para colher os frutos.

Macedo configurava um modelo, um exemplo, quase em extinção, desta velha fidalguia que transparece nos gestos, se afirma nos conceitos e se adivinha no olhar. Uma nobreza que vem mais dos sentimentos, do harmônico desenvolvimento da personalidade, que dos braços ou dos títulos pomposos. Uma aristéia no mais perfeito sentido grego. A aspiração da virtude máxima: o equilíbrio.

Se em seu discurso de posse, confessando-se "*temeroso e intimidado*", procura oferecer argumentos convincentes que justifiquem, como inspirou a sua modéstia, as razões de ter sido escolhido, "*um simples médico*", para a Academia de Letras, eu aqui também, temerosa e intimidada, ante a enormidade de sua herança, me pergunto assustada: um poeta, um simples poeta, poderia alcançar a expressão deste apostolado que o é, sem dúvida, quando plenamente exercido, o ofício de um médico? Não me constrange o desafio. Sinto-me bem nesta tão cara companhia. Entre médicos e poetas. Entre médicos vivi quase roda a minha vida, cercada pelo exemplo de probidade e amor à medicina vindos de meu pai, de meu avô, de vários tios de minha numerosa família e entre poetas porque sou um deles e a sua companhia me apraz e a sua proximidade estimula. Não fossem Apolo e Esculápio parentes tão próximos!

Deste modo entre parentes me sinto. Ancestrais magníficos que a mim cumpre reverenciar e guardar como aos manes santificados da antiga tradição. Esta é, sem dúvida, para mim, a culminância maior desta cadeira 13. Aos que me antecederam procurarei sempre honrar com o melhor da minha fala. De Guga Macedo Costa procurarei fixar certos lampejos de brilho. Sua palavra magnífica, sua presença. Creio que não devo cometer a temeridade de tentar transcrever seu precioso currículo. Apenas alguns traços esboçados na busca de perpetuar-lhe o perfil não com a nitidez absoluta da fotografia, mas com a cálida imprecisão de uma aquarela esboçada.

Na verdade Macedo Costa conquistou com talento invulgar todos os degraus que lhe cumpria na árdua tarefa a que se propôs. Como aluno exemplar, como clínico respeitado, como professor, como pesquisador, como estudioso dos problemas da Universidade a quem emprestou sempre, incansavelmente, o melhor de seu engenho, galgando-lhe, por




merecimento e sem descanso, todos os patamares da carreira até alcançar-se ao mais alto estágio de sua hierarquia: o reitorado.

Este seria o coroamento de sua carreira universitária. O homem perfeito no lugar exato. Desde a sua posse, restaurando a dignidade da liturgia acadêmica, restaurou também a importância do gesto, o simbolismo do traje, o cerimonial da consagração que faz com que a cada ato seja conferido um significado e uma razão. Não se conteve porém aí a sua atuação. Não se contentou em raspar de leve a superfície dos empreendimentos, mas atuou sempre no sentido de devolver à Universidade, cujos destinos estão dirigidos o respeito e o cuidado aos ideais humanistas, tão profundamente desgastados. Na procura sistemática de nossa identidade cultural não hesitou em conferir uma importância, até então nunca alcançada, à salvaguarda de nossa herança étnica e cultural, ao verdadeiro espírito de nossa velha Bahia. Foram assim criados o Museu Afro-Brasileiro, o Museu de Arqueologia e Etnografia, o Núcleo do Sertão e, obra de extraordinária importância, o Memorial da Medicina, grandioso relicário, depósito de nossas caras tradições de cultura e humanismo.

Como reitor a sua conduta escudou-se sempre em duas vigas mestras: ação e reflexão. Na proporção dos empreendimentos o desdobrar-se do raciocínio num constante mensurar, num avaliar constante, da própria Universidade como um organismo de múltiplos segmentos a que competia equilibrar e ajustar. A realidade da obra construída, na qual avulta a grandiosidade da Biblioteca Central da Universidade, contrapontada pelo sucessivo enunciado das *“Reflexões”* em que procurava cuidadosamente repensar o *modus universitário*. Nestas publicações estão explicitadas toda a sua experiência de vida e toda a sua formação acadêmica de homem voltado para o saber e para a cultura.

Pode até parecer um paradoxo que, quem entrou nesta Companhia muito mais bafejado pelos ventos da ciência que pelo sopro da arte, venha a ser lembrado pelos seus pósteros como um artista da fala. Um exímio criador que esculpia palavras como quem talha a matéria. Indiscutivelmente o mais brilhante orador de sua época. Ninguém se lhe excedia no contorno da frase, no toronar dos períodos. Na difícil arte do improviso impunha-se, imbatível. Neste ponto sempre esteve mais próximo dos poetas do que certos mercadores de versos. Não fosse Esculápio o herdeiro de Apolo!




Deste modo não procede sua modéstia ao assumir, tão merecidamente, seu lugar nesta Casa. Nela esteve sempre (e por tão pouco tempo!) como o mais legítimo de seus ocupantes emprestando-lhe a chama de seu talento, a força de seu trabalho, a assiduidade de sua presença. Era dos que acreditavam na Instituição como um organismo atuante na luta pela preservação de nossos valores e não como uma morna agremiação de intelectuais acomodados.

Neste momento faço minhas as palavras de Nestor Duarte ao adentrar o pórtico desta Companhia: *"Não entro para a Academia para um cartório de imortalidade, mas para um órgão vivo, jogado para a frente, rampante como um promontório a embater-se contra águas inquietas. Uma Academia de província a lutar contra a tranquilidade que pode ameaçar de marasmos recantos e enseadas de nossa vida cultura!"*.

A mim, também, parece-me que a época das Academias como templos invioláveis já é coisa do passado. Muito mais que guardiãs da sabedoria cumpre-lhes a função de medianeiras do conhecimento. Não uma fechada confraria mas uma escola aberta à comunidade, uma diretriz e um exemplo. Não a imortalidade na inércia mas a permanência no aperfeiçoamento e na mudança. Impossível fugir à responsabilidade do intelectual frente às novas ameaças que afligem a humanidade. Neste momento a omissão é imperdoável. Às instituições, por seu poder de conduzir e desfraldar bandeiras, estará reservado um desempenho vigoroso no desdobrar do futuro.

POESIA E VERDADE

Não sou dos que acreditam na gratuidade da arte. Poesia para mim nunca foi um brinco inútil mas um exercício de perfeição em busca do conhecimento. E é este, acredito o segredo da verdadeira imortalidade. Não a perpetuação impossível do corpo ou a desejada utopia de uma alma perene, mas a permanência na virtude que só se revela em beleza. *"Kalós Kasgatós"*, este o sublime ideal de um povo que soube viver o esplendor a beleza e dele nos legou uma herança respeitável. *"Poesia e Verdade"* também estava escrito nos portais de outro edifício grandioso que o gênio de Goethe esculpiu com a mais pura pedra de sabedoria e da inspiração. Beleza, Verdade e Poesia, palavras que se atraem e se completam porque a criação poética, mais uma vez repito, é uma forma de conhecimento, um caminho possível de revelação, de adentramento nos mistérios da própria alma e, mais ambiciosamente, nos mistérios do universo, no enigma desta face encoberta guardando zelosamente o segredo de nossa trajetória.




Poesia como forma de conhecimento mas também poesia como instrumento de subversão. Não apenas uma epifania mas um permanente apostolado, um diuturno testemunho. Não um experimento vazio de uma arte nobre para deleite de uns poucos mas a busca da salvação dos homens através da Palavra. Talvez aos que me ouvem isto possa parecer mais uma inútil, impossível utopia. Mas se no principio era o verbo e pela força do Verbo emergimos do Caos, o que é a Suprema Força que nos fez deixar o limbo, onde dormíamos incriados, senão a Palavra de Deus que se traduz por Energia?

Deixo aqui consignado, nesta hora augusta, o meu testemunho de fé humanista. E nada nos faz mais solidários do que a Poesia que, nascida na solidão, demanda, no entanco, largos espaços para o voo, amplos caminhos para suas andanças. Escrever não é simplesmente olhar-se no espelho mas, olhando-se, perceber para além da própria imagem o vulto grandioso de um mundo habitado por homens, o perfil desta sofrida divindade a que chamamos o Povo.

NA VIRADA DO SÉCULO

Este é o legado e a bandeira de minha geração. Uma geração de aflitos que viu transcorrer a adolescência entre as ruínas de um mundo impossível e a esperança de um mundo provável. Uma adolescência sofrida na virada do século quando todas as verdades aprendidas se despedaçavam e a Cidade da Bahia, tão belamente encastoadada em sua peanha de sol e mar e luz e inércia, começava a mover-se lentamente impulsionada pelos ventos de rebelião que zuniam lá fora. Subitamente cristalizavam-se, sob este céu azul, múltiplas formas de participação, caminhos muitas vezes aparentemente conflitantes de uma busca de interpretação da aparente desarmonia do mundo. A inutilidade de todas as guerras doía na consciência como um pecado coletivo. Aqui lia-se Sartre e Simone de Beauvoir. O existencialismo fazia seus adeptos. O Anjo Azul dominava a boemia intelectual e a Universidade lentamente abria as portas aos caminhos do mundo. Novidades como a Escola de Teatro, Os Seminários de Música, o Teatro Castro Alves, institucionalizavam experiências genialmente intuídas pelos jovens militantes das Jogralescas e da Revista Mapa, agrupados em torno da figura invulgar de Glauber Rocha. O Cinema Novo ensaiava seus passos. Na Escola Parque o gênio de Anísio Teixeira ousava experiências educacionais até então aqui desconhecidas. A Refinaria de Mataripe, primeiro passo na modernização industrial, tão invejada aos vizinhos do Capibaribe, inaugurava formas sutis de mudança no comportamento social. Estas coisas eram sentidas por mim de uma forma muito diluída, quase um eco, pois tendo me




casado muito cedo, mal saída da adolescência, seguia o caminho natural das moças burguesas da época, confinadas pela educação e pela sociedade ao gineceu das virtudes domésticas. Não era este todavia o meu caminho. Se a pedra do lar foi sempre para mim um espaço seguro de conforto e carinho seus limites no entanto nunca foram suficientes para quem nasceu com asas inquietas que demandavam horizontes mais abertos. Não via na maternidade o estigma de uma realização consumada mas a possibilidade do exercício de um aprendizado permanente no relacionamento, nem sempre remansoso, de uma grande família. Entre as secretas exigências da Poesia e o cotidiano repetir das tarefas mais simples um dividir-se constante, um permanente oscilar no equilíbrio de forças aparentemente inconciliáveis. Entre o horizonte e o porto, alguma coisa mais forte que uma simples amarra. A força de Penélope desenhando seus bordados. A Poesia foi sempre para mim a Nau dos Descobrimentos. O instrumento maior das minhas conquistas. Através dela pude começar a entender a História e a aprender a ler, na aparente desordem de um mundo destruído, as linhas da solidariedade, da esperança da igualdade.

Hoje sei que não sou um intelectual de gabinete. Sou uma mulher plantada firmemente no chão de sua terra, de ouvidos e olhos atentos aos rumores do mundo, de coração aberto aos sopros mais distantes; solidária e consciente na maturidade quando finalmente começamos a aceitar que a sabedoria consiste talvez em procurar entender as coisas mais simples.

O ANÁTEMA DE BABEL


Este é um momento peculiar na História da humanidade. Nunca em tempo algum o Homem possuiu tamanha dose de poder, tanto domínio sobre as forças da natureza. Eis que nos encontramos no limiar de ocorrências terríveis. O caminho da destruição parece mais uma vez passar pelas salas de negociação onde desafiavam-se os poderosos. Reedita-se o anátema de Babel na falência dos discursos, na inconsequência dos procedimentos. Uma simples palavra acionará o botão que vai inaugurar o Apocalipse. Se pelo Verbo fomos criados, pelo Verbo provavelmente seremos destruídos, a não ser que um novo milagre consiga conter o galope das Bestas em fúria. Este novo milagre no entanto não virá de deuses ou profetas mas emanará tão somente da força do povo, do anseio coletivo pela sobrevivência; na razão, na justiça e na solidariedade. Assistimos neste século às conquistas mais gloriosas da razão humana. O Dr. Freud inaugurou os caminhos do labirinto da mente enquanto Einstein desvejava novas fontes de infinito. Marx e



Engels aceleraram os processos de conscientização e dignidade das massas e a ciência atropela-se no reconhecimento de novas, brilhantes, maravilhosas descobertas. Aprende-se a controlar a natalidade, a medicina quase nos dá a ilusão de um dia triunfar da doença e acorrentar a morte. A Informática abre ilimitadas portas. As minorias étnicas assumem a luta pela igualdade racial e a mulher toma finalmente as rédeas de seu destino e dispõe-se a assegurar plenamente seus deveres de cidadã e seus direitos de indivíduo. Mas, apesar disto, nunca assistimos corpo agora ao espetáculo grotesco de uma civilização que se dissipa na auto-destruição, na negação dos princípios mais elementares de sobrevivência. Legiões de famintos espalham-se pelo mundo sob o olhar complacente das grandes potências mais preocupadas em redobrar o seu mortífero arsenal de destruição do que em procurar uma solução mais justa para esta chaga que cresce como um câncer e ameaça subverter todas as possíveis formas de sobrevivência. O desgaste sistemático das riquezas naturais ameaça transformar este planeta num imenso deserto. Qual será a nossa herança? um futuro de grandeza na harmonia e na paz social, finalmente encontradas, ou o mergulho no oceano de misérias, no pélogo sem fundo de onde não haverá retorno? Cabe a nós, que lidamos com a arte da comunicação pela palavra, uma parcela muito grande de responsabilidade neste entrecruzar de caminhos, nesta beira de abismo, na escalada deste ponto de onde não haverá retorno. Nossa voz, enfraquecida pela atoadora algazarra destes tempos poluídos, talvez não seja ouvida plenamente. Mas não faz mal. Seremos como a Voz dos que clamavam no deserto preparando os caminhos do Senhor. Seremos modernos pregadores de um tempo de justiça, de um governo de fraternidade. E para isso pudéssemos, como o poeta, ter *"mil línguas e mil bocas"*, fazendo de nossas palavras as trombetas de um novo tempo, destruindo, com seu sopro, muralhas do obscurantismo e da indiferença.

O MEIO DO CAMINHO

Chegando a esta Casa, pela força da Poesia e pela complacência de meus pares, não posso todavia esquecer os que me ampararam e socorreram ao longo desta estrada; meu pai, que me ensinou o gosto da Beleza, minha mãe, no seu exemplo de mansidão e paciência, Carlos, meu companheiro, cujo amor sem cobranças nunca se fez egoísta. Jerusa Pires Ferreira e Sonia Coutinho que, pela força da amizade, me ajudaram nesta difícil operação que é o parto de uma pessoa nascendo de si mesma. Valdete, cuja mão segura sempre dividiu comigo os repuxos do leme. Meus filhos, esperança



maior da minha vida, razão e objetivo desta minha travessia.

Assim se cumpre o rito. Aqui se encerra uma etapa da jornada. A entrada nesta Casa coincide em minha vida com o que os gregos chamavam a "*acmé*" de um homem. O ponto mais alto de sua trajetória, o ápice, o instante em que olhando para trás presta contas a si mesmo.

Neste momento estou em paz. Sei que não fiz o melhor mas fiz o possível. Ao "*meio do caminho desta vida*" não me encontro, como o genial florentino, numa "*selva escura*" mas no luminoso cenário desta minha Bahia com sua paisagem miraculosa, espetada de torres, povoada de lendas, cercada de vento e sol e maresia. A esta Cidade dedico este momento, a ela e a seu povo que é o meu povo: sofrido, inculto, muitas vezes triste, faminto e abandonado. Um povo que guarda a poesia no coração, no riso fácil, nas cantigas, na dança. Um povo que talvez nem saiba o que é Academia mas que conhece certamente os valores mais altos da cultura e que, por seu sofrimento e sua resignação, se faz credor e guardião da verdadeira imortalidade.